

Migrante resiste à idéia da volta

Ele não tem emprego, casa, documentos nem sabe ler. Tem mulher, filhos e a decisão de sobreviver como for possível, mas de maneira alguma voltar para a terra natal, onde se ganha menos dinheiro e não há hospitais. Ele é o invasor.

Num alinhado *tailleur* bege, a assistente social Belamary Cavalcante contraria a tropa de choque palaciana e diz que a maioria dos invasores não é formada por especuladores. São migrantes.

Belamary — conhecida por Bela — dirige a divisão de Desenvolvimento Social da Administração Regional de Brasília. Há um mês na função de tentar dar algum auxílio aos invasores despejados, ela crê que já conhece o perfil deles.

Lixo — Bela diz que há muitas semelhanças entre os que invadem área pública para abrigar as famílias. “Eles se negam a voltar para

suas cidades porque têm interesse em melhorar de vida”, observa.

Na quarta-feira passada, ela tentou encaminhar a família de Juvenal Inácio de Lima, 37 anos, para um albergue público. “Vou para debaixo de um pé de pau”, respondeu o catador de lixo.

Lima, a mulher e os três filhos menores foram despejados de uma invasão no Setor de Armazenagem e Abastecimento Norte.

Viviam há um mês e meio entre tábuas e papelões, conhecendo um inverno que não existe em sua cidade de origem, Arcoverde (PE).

A companheira dele, Maria, é a única pessoa da família que já foi a uma escola — cursou a 3ª série primária. Mas Juvenal é bom de contas.

Roça — Ele sabe que os R\$ 15,00 que consegue por dia vendendo papel usado valem mais que os

R\$ 4,00 que ganhava na roça pernambucana após caminhar oito quilômetros.

Pernambucano como Juvenal e o governador Cristovam Buarque, Valdemar Paulo da Silva também foi despejado da mesma invasão na quarta-feira. Estava lá há três meses.

Antes, viveu nove meses em outra invasão, próxima à Rodoferroviária, com dois filhos menores e a mulher, Cleuza, que está grávida de cinco meses.

Valdemar diz ter 34 anos, mas não tem documentos. Diz ser pedreiro, mas sobrevive da venda de sucata.

Analfabeto, soube pelo relato de um viajante que a vida poderia melhorar em Brasília. Sem saber, repetiu a saga dos colonizadores: um aventureiro trouxe o sonho, o ônibus foi sua caravela e a capital se travestiu de América.